



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

TRAVESTIS, TRANSFORMISTAS, *DRAG-QUEENS*, TRANSEXUAIS: PENSANDO A CONSTRUÇÃO DE GÊNEROS E IDENTIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA¹

**Juliana Gonzaga Jayme
PUC-Minas**

Este artigo discute a construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea. Sociedade, cujas transformações – especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 - são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espaço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. Partindo de uma pesquisa etnográfica, feita para a minha tese de doutorado, entre travestis, transformistas, *drag-queens* e transexuais – os transgêneros – faço uma reflexão sobre as constituições de identidade e de gênero nesse contexto.

Palavras-chave: Gênero, Identidades, Sociedade Contemporânea

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

O *paper* que proponho focaliza parte da discussão em torno deste tema, principalmente através das noções de identidade e gênero. O tema é amplo e, naturalmente, não há como esgotá-lo, nem tampouco propor soluções para os conflitos que emergem nessa discussão. Meu interesse aqui é principalmente exercitar a reflexão.

Como apontam vários autores², os processos de construção e manutenção das identidades são, eles próprios, de grande valia para pensar as modificações a que me referi. Assim, A exposição não é exatamente original, mas está de acordo com minha proposta para este ensaio.

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

² Entre os quais, Souza Santos, Harvey, Hannerz, Appaduray, Sassen, Lash, Urry.



1. O CENÁRIO:

A globalização³ da economia, bem como da cultura, é um fenômeno que vem sendo discutido de maneira exaustiva tanto por teóricos das ciências humanas, como na mídia, no meio financeiro e no “senso comum”. Mesmo tendo em vista as posições controversas quanto à idéia de que a própria cultura estaria sujeita à globalização, parece ser mesmo impossível atualmente pensar a sociedade contemporânea sem que a análise caminhe nessa direção. Desde a década de 70 - ou de outro marco temporal não muito distante deste - as modificações nas instituições sociais mais básicas, quais sejam, a economia, a informação, a política e a cultura, constituíram-se mais visivelmente como objeto de reflexão. Para alguns autores, essas mudanças não chegaram a ser tão profundas a ponto de significar uma sociedade inteiramente nova, mas constituiriam um acirramento do que vem ocorrendo desde a modernidade e que pode ser pensado a partir de uma nova relação com conceitos fundamentais, especialmente o espaço e o tempo.

Pensar essas transformações a partir do tempo e do espaço é, se não a única, a melhor via. Essas noções, sempre caras ao pensamento para quaisquer das ciências humanas, assumem hoje contornos fundamentais. Com a “cultura da globalização” percebe-se uma flexibilização das fronteiras nacionais que propicia um encurtamento do espaço e do tempo. A mídia evidencia esse processo, na medida em que, a partir de uma “infinidade” de meios de comunicação - cada vez mais avançados tecnologicamente - “aproxima o mundo”. Somos transportados aos mais variados lugares, às vezes ao mesmo tempo, através de imagens e informações que nos chegam pelos diversos meios de comunicação. É verificado hoje um fortalecimento inegável do ideal de simultaneidade. Todas e quaisquer relações em tempo real formando também um agora.

Devido a essas transformações na forma de lidar com o tempo e o espaço da sociedade contemporânea, alguns autores afirmam que há uma “homogeneização cultural”, possibilitado por um contato - mesmo que virtual - quase interminável de diferentes culturas e identidades. Para Giddens (1994) viveríamos em um mundo onde não há mais “forasteiros”, como se todos fizessem parte de um mesmo mundo global. Para Hall (1995) estaríamos sob o efeito de um

³ A designação globalização é, em si, polêmica. alguns autores optam por termos como mundialização. Outros, como Giddens (1994) apontam para a sua diferença. Para ele uma sociedade é global não porque seja mundial, mas porque não possui um espaço definido. Não se fixando na discussão sobre a terminologia - que não deixa de ser pertinente - o artigo desloca o olhar da melhor forma de designação para algumas das características fundamentais deste cenário recente.



“supermercado cultural”, na medida em que as culturas estão cada vez mais expostas a influências externas, por meio da mídia, das redes de computador etc.

Mas, ao mesmo tempo em que existiria essa tendência à homogeneização, também é preciso salientar a sua contrapartida, a (re)emergência do local, do particular. Assim, não há como pensar no global sem estar atento ao local. Para Marc Augé (1994), vivemos numa “supermodernidade” que é produtora de “não-lugares”, noção oposta à de lugar sociológico, cultura localizada no tempo e no espaço. Mas a idéia de “não-lugar” desenvolvida pelo autor não exclui a preocupação com contextos culturais. Iniciando a discussão em um aeroporto - símbolo do “não-lugar” - vai encerrar o livro com a proibição de se beber em um avião que sobrevoa a Arábia Saudita. Referência curiosa e marcante também à especificidade cultural no mundo contemporâneo.

Ao tratar da relação entre a tradição e a sociedade global ou pós-tradicional, Giddens (1994) afirma que tanto tradição, quanto globalização devem ser pensadas a partir da idéia de organização de tempo e espaço, entretanto, tal organização se dá diferentemente em uma e outra. A tradição controla o espaço a partir do tempo, a globalização reestrutura o espaço de tal maneira, que a ação pode se dar à distância. É o que o autor chama de desincorporação. Para o autor, na sociedade global há um acirramento também na convivência com “o outro”, fazendo com que agora haja de fato um diálogo entre o “eu” e o “outro” e não mais interações unilaterais.

“Um mundo em que ninguém é ‘forasteiro’, é um mundo em que as tradições preexistentes não podem evitar o contato, não somente com os outros - mas também com muitos - modos de vida alternativos. Justamente por isso, é um mundo em que o ‘outro’ não pode mais ser tratado como inerte. A questão não é somente que o outro ‘responda’, mas que a interrogação mútua seja possível.” (Giddens, op.cit.: 119)

Assim, por mais que o fenômeno da globalização da economia e da informação nas sociedades contemporâneas, venha promovendo um “encurtamento” do mundo, a manutenção de práticas culturais locais parece ainda ser um desafio que deve ser enfrentado. É necessário recolocar o problema das práticas culturais locais nesse contexto globalizado.

2. (RE)PENSANDO AS IDENTIDADES



Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas. Os personagens fazem parte dessa paisagem fragmentada, será que por isso também se fragmentam, estão descentrados?

Para Brissac Peixoto (1996) o horizonte se torna cada vez mais opaco e fragmentado. Segundo o autor, o cinema e o vídeo seriam emblemáticos para descrever a fragmentação e também a sobreposição dos cenários das próprias “paisagens urbanas”. Canclini *et alli* (1996) também aponta para a fragmentação das metrópoles contemporâneas e realiza uma pesquisa na Cidade do México a partir de viajantes - entendidos como sujeitos que “viajam” cotidianamente em sua própria cidade. Esse deslocamento cotidiano, na concepção de Canclini, modifica-se com a transformação da cidade, das tecnologias de transporte e comunicação. Para ele, a cidade se descentralizou, se desarticulou, o que temos são cidades dentro de cidades.

Brissac Peixoto faz uma analogia entre as paisagens urbanas contemporâneas e linguagens áudio-visuais como o cinema e o vídeo. A fragmentação, a fusão de cenários (imagens), o movimento (trânsitos, fluxos). O cinema e a fotografia foram instrumentos utilizados por Canclini em sua pesquisa sobre os viajantes, mas - diferentemente de Brissac Peixoto - pretendia contrapor a interpretação da cidade por fotógrafos, cineastas e pesquisadores, com a “visão de cidadãos comuns”. Para isso, discutiam sobre imagens fotográficas e fílmicas que eram mostradas para diversos grupos de pessoas. O autor conclui que a fotografia representa muito bem a fragmentação das grandes metrópoles, por captar o instante e cenários fixos. O cinema contribuiria para uma visão mais totalizadora, por causa do movimento. Aqui não são pontos fixos e estáticos, mas imagens que se movimentam temporal e espacialmente. O cinema, então, estaria mais próximo da idéia de viagem, ambos propiciadores de um olhar no fluxo, no trânsito e, por isso, importantes no sentido de uma visão mais ampla, mais geral.

Não interessa aqui esmiuçar sobre as conclusões, de alguma forma distintas, a que chegaram esses dois autores sobre a relação entre linguagens visuais e cidade. Mas interessa perceber que ambos se utilizam desses instrumentos para refletir sobre as paisagens



contemporâneas. Esse aspecto sugere, do meu ponto de vista, a importância da imagem, ela própria, nesses cenários. As metrópoles são fragmentadas, sobrepostas, descentralizadas e imagéticas⁴. Assim, a utilização de outras imagens para entendê-las se torna um método definitivamente frutífero. Paisagens são imagens, cidades são paisagens urbanas.

Também tratando da experiência urbana contemporânea e sua relação com lugares e “não-lugares”, Arantes (1994) faz uma pesquisa na qual se utiliza de imagens - dessa vez desenhos feitos pelos sujeitos pesquisados, meninos e meninas que vivem na Praça da Sé - para compreender as fronteiras simbólicas que se dão no que ele chama de “lugares públicos” das grandes cidades. Também ele fala de fluidez e fragmentação das paisagens urbanas contemporâneas, entendendo-as como espaços liminares. Nessa pesquisa, Arantes se situa como pedestre. Seu olhar se dá a partir do caminhar pela cidade - o antropólogo situado nesse espaço. A partir daí é possível perceber uma dimensão temporal desse espaço. O pesquisador tem lembranças espaciais, os sujeitos investigados têm lembranças espaciais⁵. A idéia do “observador viajante” de Clifford, ou do “caminhante pela cidade”, de De Certau.

Para Augé (1994), é necessária uma mudança na maneira do olhar antropológico em sociedades contemporâneas ou, em seus termos, “Supermodernidade”, uma vez que a antropologia está acostumada a culturas localizadas no tempo e no espaço e a “Supermodernidade” seria produtora de “Não-lugares”. É importante, então, trabalhar com a multiplicidade de lugares que é constitutiva da experiência cultural contemporânea, mas é preciso pensar a interface, não um estruturalismo classificatório binário, pois a própria experiência vai além disso. Jameson e De Certau falam em espaços intersticiais, Brissac Peixoto, retomando Deleuze, fala em “lógica do e”.

Parece que há, de fato, uma modificação no que se refere à idéia de espaço e tempo nas sociedades contemporâneas. A noção de fragmentação adquire relevância interpretativa junto a outras noções, como efêmero, multiplicidade, justaposições. Em vista disso, a questão que formulo agora é: como compreender as identidades culturais tendo em vista essas características da sociedade contemporânea. Cabe agora reter-me brevemente na noção de identidade.

⁴ Baudrillard (1992) fala em “pornografia de imagens”.

⁵ Essas lembranças se tornam claras nos desenhos dos meninos e meninas sobre a Praça da Sé.



As idéias de alteridade e de irredutível⁶, foram essenciais para a formulação original do conceito de identidade e ainda hoje permeiam as reflexões sobre essa noção. Obviamente, o decorrer do tempo e as modificações na forma de se perceber algumas categorias - tais quais a de tempo e espaço - impuseram necessidades de sofisticações conceituais e, talvez, uma transformação na forma como se pensa essa noção.

Ruben (1995) aponta para a importância de uma substituição do conceito de identidade por outro mais adequado e contemporâneo, descolado de uma formulação clássica, que minimiza as diferenças, as contradições⁷. Além disso, para o autor, a idéia de irredutível não é heurística para se pensar esta noção e o irredutível poderia levar ao fim da comunicação, na medida em que cada grupo possuiria o seu irredutível e nesse ponto não haveria mais forma de comunicação.

Também discutindo a questão da identidade, mas em uma direção diversa da de Ruben, Hall (1995) aponta para o debate que vem sendo travado nas ciências sociais sobre esta noção, no qual há o diagnóstico de uma “crise de identidade” que levaria ao declínio das antigas identidades, à fragmentação do indivíduo - pensado na modernidade como um sujeito unificado - e à emergência de novas identidades descentradas, fragmentadas. Em um primeiro momento o autor se mostra simpático à idéia de uma descentralização das identidades, concordando com o argumento de que existe uma crise, mas, no fim do capítulo, problematiza esta visão e aponta para a complexidade do próprio conceito de identidade, afirmando a impossibilidade de conclusões fechadas a esse respeito.

Para discutir esta questão no mundo contemporâneo, Hall traça um panorama das formulações de identidade, partindo de três concepções distintas desta noção, quais sejam: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo é unificado, centrado e contínuo, no sentido de que não muda durante sua existência. **O sujeito Sociológico** se constitui em relação ao outro. A identidade se constrói numa relação entre o *self* e a sociedade e o sujeito possui um “eu real”, que é um centro e que se transforma a partir de um diálogo com o mundo exterior e com as identidades presentes nesse mundo. Mas nesta visão permanece a idéia de um sujeito unificado. Por fim, o **sujeito pós-**

⁶ Sobre isso ver Cardoso de Oliveira (1976), Ruben (1989, 1995), Carneiro da Cunha (1986), entre outros.

⁷ Na concepção de Ruben, a formulação clássica da teoria da identidade seria conservadora, na medida em que não estaria preocupada com a contradição, com a diferença, mas, pelo contrário, com a unidade. Hegel, que seria o autor original da teoria, tinha como objetivo justamente a unidade política da Alemanha.



moderno seria aquele fragmentado, sem uma identidade fixa, um sujeito que assume diversas identidades - que podem ser contraditórias - em diferentes momentos. Hall aponta para cinco momentos da teoria social que contribuíram para um avanço nesta teoria e, mais importante, tiveram grande impacto no pensamento de autores que tratam das identidades na sociedade contemporânea, assumindo o ponto de vista de que o sujeito cartesiano finalmente se descentrou.

O **primeiro** descentramento vem com a teoria marxista que, ao se preocupar com as relações sociais e não mais com a noção de Homem da filosofia, fez com que seus leitores interpretassem que *o marxismo, entendido adequadamente, (...) afastou qualquer noção de ação individual* (op.cit.: 27).

O **segundo** se dá com a reflexão do inconsciente, por Freud, que aponta para a identidade como um processo construído por meio do inconsciente - e não da racionalidade -, ao longo do tempo.

O **terceiro** des-centramento do sujeito estaria associado à linguística de Saussure. Para ele, a identidade se estrutura como a linguagem, ou seja, socialmente e com relação ao “outro”.

O **quarto** se dá no trabalho de Foucault sobre a história do sujeito moderno que, segundo ele, se construiria a partir do “poder disciplinar”.

O **último** des-centramento do sujeito - e, para este trabalho, o mais importante - acontece a partir do *impacto do feminismo, tanto como crítica teórica, como um movimento social* (Hall, op.cit.: 34) Como movimento social, o feminismo apelava para a identidade social das mulheres. Do ponto de vista da teoria, a partir da importância que deu para a esfera privada, “íntima”, abre espaço para que se reflita, teórica e politicamente, sobre o que era considerado privado e, portanto, não passível de discussão: família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão do trabalho doméstico, educação dos filhos etc. Além disso, o feminismo discute também teoricamente a construção das identidades e, mais importante, ao tratar da diferença sexual, não mais coloca homens e mulheres como possuindo a mesma identidade - a de homem universal. Diferentemente, mostra que o feminino e o masculino são distintos e, mais importante, as próprias mulheres não teriam uma única identidade. Não haveria uma Mulher (nem tampouco um Homem), mas mulheres, que se identificariam não apenas a partir do gênero, mas da raça, etnicidade, etc., como diz Silva:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nas discussões sobre gênero, aliás, já está embutida a questão da diferença, da heterogeneidade e da identidade como “identificações em curso” (Souza Santos, 1997). Para Butler, gênero não é nunca uma totalidade, sua construção é muito mais complexa e inacabada.

“Isto é, uma coalisão aberta que afirmará identidades alternadamente instituídas ou deixadas de lado de acordo com os propósitos do momento; será um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas.” (Butler, 1990, 16)

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim, processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, des-locação⁸, característicos da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais.

“Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57)

Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Souza Santos (1996) afirma que hoje não se pode pensar as identidades culturais como sendo imutáveis, antes, elas estão sempre se transformando, em processos de reconstrução e reinvenção e, mais importante, estão ligadas não só à diferença, mas também à hierarquia das diferenças. Assim, é importante saber quem está perguntando pela identidade e por que motivo.

⁸ Sobre isso ver, entre outros, Giddens (1991 e 1994) e Harvey (1993).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.” (Souza Santos, op.cit.: 135)

Voltando à discussão que inicia esse tópico, para Arantes (1994), a experiência urbana contemporânea, por causa de sua fragmentação, fluidez, acaba por propiciar uma construção de contextos espaço-temporais mais flexíveis e mais efêmeros. Daí resulta que a própria construção das identidades também se flexibiliza. Não encontramos mais “territórios sociais identitários”. As identidades se desterritorializariam, mas também se reterritorializariam, o que explicaria a ênfase atual nos territórios simbólicos, construídos pelos próprios sujeitos⁹. Essa formulação iria ao encontro das afirmações sobre identidades que se constituiriam no fluxo, na ambiguidade, no entrecruzamento de significados e, dessa maneira, também são fragmentadas, como o próprio significado dos espaços ou cenários.

Para Lash e Urry (1994), na cultura pós-moderna o que se dá é uma desconstrução de velhas formas de identidade individual e coletiva, mas também a reconstrução de novas formas mediadas pelas redes de informação, pela mídia, por uma identificação mimética, por essa nova economia de signos no espaço. Para eles, a sociedade contemporânea vive em uma “economia de projeto”, na qual a imagem e a estética adquirem importância ímpar. A ordem informacional¹⁰ é absolutamente estetizada. Tratei dessa questão em trabalho anterior¹¹ discutindo os clones - imitadores de artistas da música pop – e percebi que a construção das identidades desses sujeitos passa pela estética e, mais, por uma estética midiaticizada, nos termos de Giddens (1991), *compromisso sem rosto*. Diferentemente do que o autor chama de *compromisso com rosto* - o

⁹ Linch, citado em Jameson (s/d) fala em mapeamento cognitivo. As formas pelas quais as pessoas vão construindo a estrutura da cidade.

¹⁰ Castells (1996) discute incessantemente sobre as sociedades contemporâneas, afirmando que estão permeadas pela ordem informacional, a qual acaba por contribuir para a formação de “cidades duais”, onde processos de inclusão e exclusão estão sempre em cruzamento. Nessa sociedade o espaço mudou, está constituído por fluxos e redes e há o estabelecimento nesse espaço de hierarquias entre as redes e os indivíduos que estão inseridos nessas redes. Para Castells, os indivíduos que não estão inseridos em tais redes são quase inexistentes nessa sociedade. Não vale a pena aqui esmiuçar o artigo de Castells, mas parece que ele não pensa no fenômeno da estética para pensar essa ordem informacional.

¹¹ “Clones, Bárbaros, Replicantes - Argonautas Estéticos: imitação e simulacro nas relações sociais contemporâneas”, dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1996 (mimeo)



encontro face-a-face entre dois indivíduos -, a idéia de *compromisso sem rosto*, seria uma outra relação na modernidade, na qual, ao invés de uma relação face-a-face, teríamos uma relação midiática com “o outro”¹², possível pela transcendência das fronteiras culturais.

Tratando da incerteza da sociedade contemporânea Beck afirma que o indivíduo se tornou, ele próprio fragmentado, ou seja, tão somente um indivíduo com seus direitos e suas obrigações. Em contraposição a esse programa de individualização da teoria da modernização reflexiva, Lash, afirma que pode haver hoje uma “vingança do nós”, possível por meio da comunidade, fenômeno que, segundo ele - embora esteja em mutação na modernidade tardia - não terminou. Para refletir sobre essas comunidades não é possível pensar a partir da reflexividade estética, mas apenas através da hermenêutica, na medida em que ... *a dimensão estética da reflexividade é o princípio básico do ‘individualismo expressivo’ na vida cotidiana do capitalismo de consumo cotidiano.* (Lash, 1994: 164)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: APROXIMANDO DOS TRAVESTIS, TRANSFORMISTAS, TRANSEXUAIS E DRAG-QUEENS¹³

Se concordarmos que a identidade cultural é uma construção que está intrinsecamente relacionada à diferença, à alteridade, não podemos negar a interferência das transformações sociais do mundo contemporâneo em sua formulação. Talvez a própria idéia de irredutibilidade que permeou a reflexão sobre identidade, esteja comprometida. Existe, mais do que isso, um jogo complexo, no qual tradição, particularismo, homogeneização e hibridismo ora se confrontam, ora se encontram. Se a formulação das identidades se dá numa construção e reconstrução constante, a idéia de uma identidade única e permanente, é que, ao que parece, vem se perdendo. Para Souza Santos, *identidades são identificações em curso*. Chegamos mesmo a escolhas, antes reificadas, por exemplo relativas às identidades de classe, raça ou gênero, para dar apenas exemplos mais abrangentes de identificação.

¹²Em minha dissertação de Mestrado essa relação midiática é bastante explorada. Os sujeitos estudados, clones - *grosso modo*, imitadores de astros da música pop - travam com o seu modelo uma relação midiática. Não há nesse caso o *compromisso com rosto*, o modelo atravessa as fronteiras e se mostra ao clone através de monitores de televisão, fotos, revistas e tantos outros meios de comunicação disponíveis em uma sociedade que está, ela própria, cada vez mais imagética e “midiatizada”.

¹³ Como se verá, esses sujeitos são diferentes e querem demonstrar suas distinções, entretanto, em alguns momentos podem se unir em uma identidade: transgênero.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Um aspecto que, no meu entender, é fundamental para a construção das novas identidades num cenário marcado pela informação globalizada, está ligado à *mediatização* da sociedade contemporânea. Uma noção de grande valia para a compreensão das identidades culturais contemporâneas, se refere, à idéia de reflexividade estética de Lash e Urry. Para esses autores, a sociedade torna-se hoje estetizada - e a construção das identidades não está fora deste(s) cenário(s) -, o que faz com que cotidianamente sejam visíveis suas conseqüências.

“O que a indústria fonográfica coloca é que artefatos culturais (...) estão se tornando imanentes como objetos que circulam informação e estão na estrutura comunicacional; e que eles tornam-se a realidade da vida cotidiana. Assim, a música popular torna-se cultura popular, a música torna-se parte do estilo de vida do adolescente. (...) nós temos visto representações retornando à posição funcional dos objetos, objetos que só se diferem de outros objetos da vida cotidiana em sua forma imaterial, em seu caráter estético. Madonna, como uma estrela, não é exatamente uma imagem como representação. Ela é um objeto cultural, no sentido antropológico de cultura. Como um artefato cultural, jovens a vestem em suas camisetas, se vestem como ela. Estes artefatos estruturam a maneira como os jovens classificam as coisas e revelam como elas são.” (Lash e Urry, 1994: 132)

A cultura pop, como apontada por esses autores, atua de maneira significativa na construção de identidades dos jovens atualmente. A própria possibilidade criativa é descrita como uma situação particularmente complexa. As idéias relacionadas muitas vezes ao que é chamado de (im)possibilidade criativa, como repetição e propriedade, levam à questão relacionada à idéia de “marca”. A marca, por sua vez, diz respeito não simplesmente a objetos, mas a artistas, que em muitos casos se confundem com modelos. Essa idéia de marca/modelo, dada à própria característica de reflexividade estética da sociedade contemporânea, pode ser materializada e percebida na construção e reconstrução das novas identidades. *Em termos de consumo, a reflexividade estética pode ser extraída em vários sentidos. Consumo não só no sentido utilitário, mas como construção da identidade.* (Lash e Urry, *op.cit.*: 57)

Essa discussão torna clara a importância da mídia e da cultura de consumo para a problematização a respeito da construção de identidades no mundo contemporâneo. Não há como pensar, hoje em dia, no problema da identidade sem ter em mente as transformações de tempo e espaço, do encurtamento de fronteiras culturais, dos fluxos, da reflexividade.



Por outro lado, como afirmam vários autores¹⁴, não é possível perder a dimensão do local, das particularidades, também enfatizadas na sociedade contemporânea, ainda que vinculada ao fenômeno da globalização - o que muitas vezes é chamado de cenário “glo-cal”.

É interessante como travestis, transformistas, transexuais e *drag-queens* são emblemáticos para pensar essas questões. Esses sujeitos são diferentes¹⁵ entre si e fazem questão de demonstrar suas distinções. Por outro lado, se aproximam no que se refere à intervenção corporal e aos efeitos dessa intervenção na redefinição de gênero. Esta ação redefinidora de masculinidade e feminilidade enfatiza uma interpretação de gênero como cultural e processual.

Assim, por mais que “se montem”¹⁶ com o objetivo de se parecer uma mulher, não querem ser mulher¹⁷, mas travesti, transformista ou *drag-queen*. Os dois últimos, “de dia” são homens. “Brincam” com a possibilidade de performances de gênero. Os travestis são travestis a qualquer momento, mas não querem se tornar mulheres, nem homens.

A noção de incorporação, é de grande valia para pensar esses sujeitos¹⁸. Incorporação é uma tradução do termo inglês *embodiment*. Nas duas línguas o termo é ambíguo, mas deve ser entendido como *a aprendizagem e assimilação feita pelo corpo e só nele observável...* (Vale de Almeida, 1996: 20). Travestis, transformistas, transexuais e *drag-queens* – ao construir sua identidade e gênero estão permanentemente em um processo de incorporação. Ao “imitar” os traços de mulheres e de outros transgêneros e, mais do que isso, ao interferirem no próprio corpo - para que o aprendido e a assimilação sejam percebidos não apenas a partir de traços, mas também do próprio corpo esculpido - esses sujeitos podem ser pensados como incorporados.

A incorporação estaria vinculada à *mimesis*, ao simulacro, mas também à linguagem, à vivência, à experiência. O corpo, ele próprio é um meio de expressão. A alteridade provocada por travestis, transformistas, transexuais e *drag-queens*, por exemplo, é imediatamente percebida

¹⁴ Entre os quais, Hall (1995), Lash (1994), Giddens (1994), Beck (1994), Montero (1996), Ianni (1994).

¹⁵ *Grosso modo*, travestis são aqueles que fazem uma intervenção “radical” no corpo, com hormônios ou silicones e possuem esse corpo feminino todo o tempo. Não há reversão. Transformistas se vestem como mulher apenas em ocasiões ritualísticas - shows, festas etc. Mas constroem uma mulher perfeita. Se chamam também de “finas”. *Drag-queens* também se vestem como mulher apenas em eventos rituais, mas essa mulher é caricatural e, muitas vezes, deixam escapar, propositadamente, traços masculinos na sua “montagem”.

¹⁶ Linguagem “nativa” para o se vestir como mulher.

¹⁷ Os transexuais têm o desejo de se tornar mulher. É como se tivessem nascido “errados”. Não gostam do seu corpo masculino e têm o sonho de fazer a operação de mudança de sexo.

¹⁸ Retomando Bourdieu e Merleau-Ponty, Csordas (1990) trata a incorporação como um novo paradigma da antropologia.



através do seu corpo, ele próprio, performático, na medida em que é com o corpo que esses sujeitos comunicam sua própria identidade. O corpo transmitindo um significado¹⁹. Ao tratar do corpo na modernidade reflexiva, Giddens (1997) também vai nessa direção, quando diz que o corpo, muito mais do que uma entidade física, é um sistema-ação e, nas relações cotidianas, é fundamental para a construção da identidade pessoal.

Parece-me que os transgêneros, por estarem muito mais atentos ao próprio corpo, o percebem mais facilmente como sendo o melhor meio de expressão, de ação, de identificação e de diferença. Tais sujeitos estão sempre preocupados em reconstruir seu corpo – e com isso (re)constroem seus gêneros, identidades, pessoas -, talvez por isso percebam também que as técnicas corporais não são naturais, mas aprendidas, estudadas, assimiladas. Entretanto, esses sujeitos querem dar a maior “naturalidade” possível aos seus gestos, seu andar, enfim, sua *performance*²⁰. Mas, como aponta Fazenda, *naturalizar o corpo não o devolve à natureza, atribui-lhe uma (outra) identidade*. (1996: 149)

Retomando a idéia de performance, as “marcas” no corpo de travestis, transformistas, transexuais e *drag-queens* podem ser vistas como um código que tanto os une, como os separa. *O corpo como um forte símbolo, capaz de operar comunicação, estabelecendo um código compartilhado pelo grupo. (...) a linguagem corporal é plena de significados*. (Guterres, 1995: 304) Os transgêneros mostram-se - a partir da interferência corporal - como são diferentes entre si. Por outro lado, podem se unir em uma identidade frente aos heterossexuais, ou aos homossexuais que não se travestem. Nessa ação em que se separam e, ao mesmo tempo, se juntam em oposição aos outros, esses sujeitos mostram o alcance da discussão sobre a fluidez das identidades no cenário contemporâneo e sua relação com o gênero, também percebido como fluido e performático²¹.

¹⁹ “As performances podem ser vistas como realizações semióticas por excelência. Isto se deve ao fato de que o corpo humano é a mais plástica e dúctil das matérias significantes, a expressão biológica de uma ação cultural.” (Glusberg, 1987: 58)

²⁰ As *drag-queens* não se preocupam tanto com esta “naturalidade”, uma vez que sua performance e a própria “montagem” se pretendem mais exageradas, teatrais, caricaturais.

²¹ No sentido de Butler (1990) que afirma que o gênero é em si performático, dado que instável e transitório. Para a autora, o que temos é uma estrutura (a matriz sexual) que dualiza as diferenças – homem/mulher, masculino/feminino – e uma performance (o gênero) que as multiplica.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

É necessário, entretanto, refletir sobre os limites dessa fluidez. Se de um lado, essas pessoas se percebem e são percebidas como ambíguas, de outro lado, tal ambigüidade é sustentada não por uma fluidez absoluta, mas talvez pela (re)organização da própria duplicidade. Ou seja, as atribuições duplas de gênero – que especificam o modo de pensar predominante no ocidente – estão introjetadas também nos transgêneros. O que eles “vão sendo” ao longo da vida está incorporado. Ao montar (ou seja, fazer, produzir, fabricar) o seu corpo, esses sujeitos fazem simultaneamente a pessoa, tornando-se incorporados. O corpo, então, faz sentido, expressa, mas também atua e experimenta identidades e diferenças.

Enfim, por meio da montagem, os transgêneros produzem e reproduzem femininos performáticos, revelando a multiplicidade do gênero, mas também explicitando – por uma (re)organização da duplicidade – que a idéia de gênero e sexo pode ser “alucinada” na ação, mas com limites. Ou seja, se a duplicidade é vivida como constituinte do reconhecimento do sexo – homem ou mulher – travestis, transformistas, *drag-queens* e transexuais mostram que a questão é mais complexa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, A. & HOLSTON, J. “Cities and Citizenship”, in: Public Culture, vol. 08, number 2, Winter, 1996
- ARANTES, A.A. “A Guerra dos Lugares: sobre liminaridades no espaço urbano”, in: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (org.) Cidade. Número Temático de Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no. 23, R.J., IPHAN, 1994
- AUGÉ, M. Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade, Campinas, Papirus, 1994
- BAUDRILLARD, J. A Transparência do Mal: ensaios sobre os fenômenos extremos, S.P., Brasiliense, 1992
- BECK, U. “A Reinvenção da Política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva.” in: BECK *at all*. Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna, S.P., Editora UNESP, 1994
- BRISSAC PEIXOTO, N. Paisagens Urbanas, S.P., Editora SENAC/Marca D’água, 1996
- BUTLER, J. Gender Trouble: feminism and subversion of identity, N.Y., Routledge, 1990



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- CANCLINI, N. *Et alli. La Ciudad de los Viajeros: travesias e imaginarios urbanos: México, 1940-2000*, México, Editorial Grijalbo, 1996
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, S.P., Pioneira, 1976
- CARNEIRO DA CUNHA, M. “Etnicidade: da cultura residual mas irredutível”, *in: Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*, S.P., Brasiliense, 1986
- CARSON, A. “Entrelaçando Consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher”, *In: Cadernos Pagu 4: fazendo história das mulheres*, Campinas, 1995
- CASTELLS, M. “Working notes for a critical theory of informational society”, *in: Critique of Anthropology*, vol 16, number 1, SAGE, 1996
- CSORDAS, T. “Embodiment as a Paradigm for Anthropology”, *in: Ethos*, vol. 1, number 1, march, 1990
- FAZENDA, M.J. “Corpo Naturalizado”, *in: VALE DE ALMEIDA (org.) Corpo Prtesente*, Oeiras, Celta Editora, 1996
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. R. J., Guanabara, 1989.
- GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*, S.P., UNESP, 1991
- GIDDENS, A. “A Vida em uma Sociedade Pós-Tradiconal”, *in: BECK at all. Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, S.P., Editora UNESP, 1994
- _____. *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta, 1997
- GLUSBERG, J. *A Arte da Performance*, S.P., Perspectiva, 1987
- GUTERRES, L.S. “O Corpo Carnavalesco”, *in: LEAL, O. F. (org.) Corpo e Significado: ensaios de antropologia social*, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1995
- HALL, S. “A Questão da Identidade Cultural”, *in: Textos Didáticos*, no. 18, IFCH/UNICAMP, dez., 1995
- HANNERZ, U. “Fluxos, Fronteiras e Híbridos: palavras-chave da antropologia tradicional”. *In: Mana*, vol. 03, no. 01, abril/1997
- HARAWAY, D. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, *in: Caderno Pagu: situando diferenças*, n° 05, Campinas, 1995
- HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, Edições Loyola, S.P., 1993



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- IANNI, O. “Globalização: o novo paradigma das Ciências Sociais”, *in*: Revista de Estudos Avançados, vol. 08, no. 21, S.P., 1994
- JAYME, J. Clones, Bárbaros, Replicantes - Argonautas Estéticos: imitação e simulacro nas relações sociais contemporâneas, Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, mimeo, 1996
- LASH, S. “A Reflexividade e seus Duplos: estrutura, estética e comunidade”, *in*: BECK *at all*. Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna, S.P., Editora UNESP, 1994
- LASH, S. & URRY, J. Economies of Signs and Spaces, Londres, Sage, 1994
- MONTERO, P. “Cultura e Democracia no Processo da Globalização”, *in*: Novos Estudos CEBRAP, nº 44, março, 1996
- RUBEN, G. “Teoria da Identidade: uma crítica”, *in*: Anuário Antropológico, Brasília, Tempo Brasileiro, 1988
- _____. “Empresários e Globalização: prolegômenos de uma metodologia antropológica de compreensão e ação”, *in*: Revista Brasileira de Ciências Sociais, no. 28, 1995
- SASSEN, S. “Whose City Is It? Globalization and Formation of New Claims”, *in*: Public Culture, vol 8, number 2, winter, 1996
- SILVA, E.B. “Des-construindo gênero em ciência e tecnologia”, *in*: Caderno Pagu: gênero, tecnologia, ciência, nº 10, Campinas, 1988
- SOUZA SANTOS, B. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade, S.P., Cortez, 1996
- VALE DE ALMEIDA, M. “Corpo Presente: antropologia do corpo e da incorporação”, *in*: VALE DE ALMEIDA (org.) Corpo Prtesente, Oeiras, Celta Editora, 1996
- _____. “Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do Sul de Portugal”. *In*: Anuário Antropológico/95, R.J., Tempo Brasileiro, 1996 b